

Pais, adolescentes, internet e escola: uma relação delicada

Cláudia Nonato

Jornalista, doutoranda em Ciências da Comunicação na ECA/USP e editora executiva da revista Comunicação & Educação.

E-mail: claudia.nonato@usp.br

Resumo: Tatiana Jereissati e Juliano Cappi, coordenadores do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.br), entidade que pertence ao Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI), comentam os resultados de duas pesquisas realizadas recentemente: a TIC Educação 2011, sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras, e a TIC Kids Online Brasil, realizada pela primeira vez em 2012, com adolescentes de 9 a 16 anos, usuários de internet, e também com seus pais, com o propósito de medir as oportunidades e riscos relacionados ao uso da internet.

Palavras-chave: Pesquisa; TIC; educação; adolescentes; internet.

Abstract: Tatiana Jereissati and Juliano Cappi, coordinators of the Center for Study on Information and Communication Technologies (CETIC.br), entity that belongs to the Executive Committee of Internet in Brazil (CGI), comment on some results of two researches developed recently: the ICT Education 2012, about the use of information and communication technologies by Brazilian schools, and the ICT Kids Online Brazil, developed for the first time in 2012, with teenagers between 9 and 16 years, internet users, and also with their parents, in order to measure the opportunities and dangers related to the internet access.

Keywords: Research; Education; ICTs; Teenagers; Internet.

Para o professor, o uso efetivo do computador e internet em atividades com os alunos ainda permanece como um desafio a ser vencido. Os pais, por sua vez, consideram que os filhos fazem um uso seguro da internet, mas gostariam de ter mais informações sobre o tema na escola. Estas são algumas das conclusões de duas pesquisas realizadas pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.br) e divulgadas pelo Comitê Gestor da Internet. Trata-se da TIC Educação 2011, sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras, e a TIC Kids Online Brasil, realizada pela primeira vez em 2012, com adolescentes de 9 a 16 anos, usuários de internet, e também com os pais, com o propósito de medir as oportunidades e os riscos relacionados ao uso da rede.

Recebido: 02/11/2012

Aprovado: 30/11/2012

Na entrevista a seguir, Tatiana Jereissati e Juliano Cappi, coordenadores do CETIC.br, explicam como foram feitas as pesquisas e comentam alguns resultados.



C&E: Como surgem os temas a serem desenvolvidos e pesquisados pelo CETIC.br? De onde vêm essas demandas?

Juliano Cappi: A demanda da criação de uma área de estudos sobre tecnologias da informação e comunicação no Brasil vem do Comitê Gestor, que por sua vez cria um NIC, e dentro do NIC é criada uma área para produzir dados sobre o uso da internet, do computador, e de outras tecnologias e em diversas áreas. Dentro disso tudo, o Centro de Estudos em Informação e Comunicação (CETIC.br) começou fazendo duas pesquisas, por solicitação do Comitê Gestor, que foi a pesquisa de domicílios e a de internet e, ao longo dos anos, essas áreas de estudo foram se ampliando. Esse estudo sobre o uso da internet pelas crianças é uma das pesquisas que surgiram; a maior parte é solicitada pelo Comitê Gestor, mas, às vezes, alguns setores da sociedade encaminham essas solicitações diretamente ao CETIC, que vai aprovar isso no Comitê Gestor da Internet. De uma forma ou de outra, o CGI está relacionado à decisão do que vai ser feito, de qual pesquisa vamos realizar ou não.

C&E: A pesquisa TIC Educação 2011 já está na sua terceira edição. O que vocês podem destacar sobre os resultados?

J.C.: Essa pesquisa trouxe fatos importantes, pois oferece um retrato muito claro e objetivo dos desafios das TICs, da incorporação por professores, diretores, dentro das atividades escolares, num nível nacional. Para sumarizar, podemos separar os desafios em duas grandes áreas. A primeira, que eu acho a mais central nesse momento, é a de infraestrutura. Apesar de quase a totalidade das escolas públicas e privadas no Brasil terem acesso ao computador e à internet, quando olhamos a qualidade dessa infraestrutura, observamos que está muito longe de ter essa questão resolvida, para que o uso possa avançar na educação.

Apesar de existirem outros fatores, se você não tem a infraestrutura disponível, o uso é limitado. Todas as outras funções, também importantes, acabam indo por terra, porque, se você não oferece condições de trabalho para o professor, não adianta pensar nas outras questões. E o que acontece é que temos um número de computadores muito pequeno nas escolas, em média vinte computadores em funcionamento e, segundo dados do INEP¹, do censo escolar, para uma média de 500 alunos por escola. Esses computadores estão disponibilizados num laboratório de informática, e o professor tem que levar uma sala inteira para a sala de informática. Ele fica com medo de dar algum problema no computador, não ter um suporte ali, na hora, para resolver, e não conseguir fazer a atividade.

1. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC).

Você não tem um computador por criança, que precisa dividir os computadores. Além disso, a qualidade do acesso à internet também está muito aquém da necessidade do professor, para realizar uma atividade básica como ver um filme na internet, em que o professor precise ter uma conexão que permita àqueles vinte computadores oferecerem um acesso adequado.

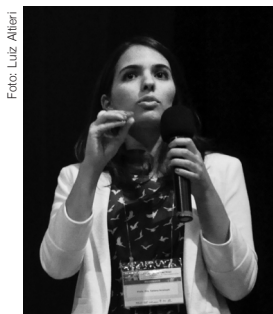
C&E – E qual seria o outro fator de destaque?

J.C.: Temos uma questão geracional importante, os professores nas escolas têm em média quinze anos de trabalho. Se olharmos para trás, quinze anos, chegaremos próximo à data que começa a internet comercial no Brasil, em 1995, quando ainda poucos tinham acesso. Os professores que hoje estão dando aula, de forma geral, são professores que foram preparados para dar aula sem uma perspectiva de ter uma tecnologia, que está colocando em discussão a relação do professor e do aluno, do professor e dos pais, do professor e da administração da escola. Então, não é trivial.

O professor está acostumado a realizar as suas atividades sem ter esse suporte, sem a discussão de qual é o papel do professor, de que a Educação está se transformando nesse país e que, além disso, tem uma tecnologia que está capitalizando essa mudança em algum nível, porque muda muito mesmo a forma como as pessoas se relacionam.

Temos no Brasil, e isso é depoimento de uma das especialistas no nosso grupo, um número muito pequeno de universidades de Educação que trabalham a questão de uso das TICs nas escolas. E até hoje, ainda assim, os professores que estão entrando no mercado vão ter que aprender isso ali, no dia a dia, porque o aluno já está usando. Perguntamos na pesquisa qual é a proporção de alunos que utiliza a internet para realizar as atividades escolares e chegamos a 90% dos alunos nas escolas públicas. Já é uma realidade, então o professor vai ter que se adaptar.

Enfim, tem toda a parte de estrutura, treinamento, tem uma discussão sobre a condição do professor em relação a salário. Os intelectuais de educação não gostam muito de tocar nesse ponto, mas eu acho uma questão importante, porque o piso salarial do professor é de R\$ 1.200,00 reais. E observamos na pesquisa que a maior parte dos professores tem dois turnos; uma parte trabalha mais de 40 horas por semana, e ainda tem uma proporção grande de professores que trabalha em mais de uma função: são professores e coordenadores pedagógicos, diretores. Como é que esse profissional vai ter tempo para pensar, como é que vai reestruturar o dia a dia das atividades dele, em função dessas novas tecnologias que vão surgindo? É uma situação bem complicada.



C&E: E quanto à pesquisa TIC Kids Online? Por que realizar uma pesquisa com crianças e adolescentes usuários da internet?

Tatiana Jereissati: A pesquisa TIC Domicílios acontece desde 2005, sendo realizada pelo Comitê Gestor. E o foco dessa pesquisa é a população de 10

anos ou mais. Então surgiu uma demanda por realizar pesquisa com um público mais jovem, a TIC Crianças, cuja população está entre 5 e 9 anos, faixa etária que não é coberta pela TIC Domicílios.

Em 2009 realizamos a primeira versão da TIC Crianças, para começar a entender como essa população utiliza os computadores, a internet, de forma geral. Alguns indicadores simples, básicos, mas importantes. Até porque realizar uma pesquisa, aplicar um questionário quantitativo com crianças de 5 anos é um grande desafio. Então começamos a fazer esse trabalho de adaptação do questionário das TIC Domicílios para esse público mais jovem.

Em 2010 realizamos mais uma versão dessa pesquisa, e começamos a inserir algumas questões relativas ao uso seguro da internet. Em 2012 resolvemos adotar integralmente essa pesquisa, que se chama “You Kids Online”, que foi realizada, em 2010, em 25 países da Europa, com uma metodologia desenvolvida e coordenada pela London School Economics.

Em 2011 estivemos lá (Londres) na reunião da divulgação dos resultados, apresentamos também resultados da TIC Crianças, que foi bastante interessante, porque não é tão comum ter pesquisa com esse público tão jovem. Mudamos um pouco a faixa etária da nossa pesquisa TIC Crianças, que começa a abranger um público de 5 a 8 anos, não mais de 5 a 9 anos, e fizemos a Kids Online, de 9 a 16 anos. A diferença da Kids Online, é que abrange os usuários da internet. Ou seja, para resolver aquele questionário, aquele respondente precisa ser usuário da internet. E consideramos usuário de internet como sendo aquele que usou internet nos três meses anteriores ao momento da pesquisa. Porque as pesquisas são muito específicas sobre os usos, e o enfoque é exatamente esse, são as oportunidades on-line e também os riscos, pois ambos andam juntos; a internet oferece oportunidades, mas também riscos, então a ideia é justamente medir esses aspectos, que é uma questão muito relevante na Europa. E foi assim que surgiu a pesquisa lá.

C&E: Os critérios e a metodologia utilizados na pesquisa brasileira foram os mesmos da Europa? Quais foram os desafios encontrados nessa adaptação para a nossa realidade?

T.J.: De modo geral, sim, com algumas diferenças. Um grande desafio, que também foi enfrentado na Europa, foi adaptar o questionário, por causa da tradução. Fizemos uma primeira versão da tradução do questionário, e ela não pôde ser uma tradução literal; tivemos que adaptar aquele conceito ao nosso contexto, à nossa realidade. Outro desafio foi a extensão do questionário, que era comprido, extenso, demorava muito. E acompanhamos de perto os pré-testes, que foi numa segunda etapa muito difícil, pois era preciso conseguir manter a atenção da criança por algum tempo.

Fizemos a tradução integral e aplicamos integralmente o questionário. E depois, outra diferença da pesquisa na Europa, é que teremos a possibilidade de aplicar essa pesquisa anualmente. Com isso, podemos fazer alguns recortes, selecionar temas e, de repente, no ano seguinte, selecionar outros temas de relevância, como, por exemplo, o tema de consumo, que foi bastante levantado.

Então a ideia é de que no ano que vem a gente comece a investigar e tenha um módulo sobre isso. O entrevistador chegava ao domicílio que foi sorteado, entrevistava o pai necessariamente e também a criança ou adolescente.

Tem outro questionário que é de autopreenchimento: a criança/adolescente preenche sozinho aquele questionário, porque são questões mais sensíveis; para garantir a privacidade, para que ele se sinta mais à vontade. Para isso, o pré-teste foi bastante valioso: as crianças se cansavam, às vezes tinham preguiça de ler, pediam ajuda do entrevistador, enfim, pensamos em como adaptar esse questionário para que ele fosse cumprido de forma simples no Brasil.

Em termos da metodologia estatística, nós tivemos uma pequena diferença, pois a nossa pesquisa foi totalmente probabilística, o que é diferente da metodologia aplicada na Europa.

C&E: E, em relação aos resultados, o que vocês destacariam, comparando-os com os dados europeus?

T.J.: Eu acho que a questão central que nós avaliamos aqui talvez tenha sido a percepção dos pais em relação ao uso seguro. Quer dizer, foi um dado bastante surpreendente, 71% dos pais acreditam que os filhos usam a internet com segurança. Isso revela como eles entendem o que é o uso seguro, e isso também foi revelado nos testes cognitivos. Acho que essa é uma diferença que podemos destacar, porque na Europa essa é uma questão muito discutida e relevante, e aqui a gente percebe que é muito incipiente, há pouca preocupação dos pais em relação a isso e, de repente, pouca discussão.

Em termos de atividades, os padrões são bem semelhantes. Acho que há uma diferença que não pode ser ignorada, que são os dados de posses e de uso. De posse de forma geral, que são muito mais baixos aqui no Brasil. É difícil falar de Europa, porque são 25 países, mas, em geral, as posses aqui são muito mais baixas, e isso vai ter um impacto nas frequências. A média das residências europeias é de 75% dos domicílios com internet. O Brasil tem 38%. Quer dizer, não conseguimos deixar essa questão de lado, e um indicador que isso impacta é o local de acesso, que chama muito a atenção dos pesquisadores europeus, a *lan house*. Quer dizer, o domicílio é muito relevante aqui, mas tem outros locais de acesso que são utilizados. Outro dado que se destacou, com relação aos europeus, foi com respeito à proporção de usuários de rede sociais, pois a nossa proporção é mais alta que a média europeia, o que é muito particular do Brasil. Os brasileiros estão muito presentes, desde o *Orkut*, agora *Facebook* e outras, enfim, essa é uma questão interessante para continuarmos estudando e até inserirmos novas perguntas, para entender como é que esses jovens utilizam as redes sociais.

C&E: Uma das maiores surpresas foi com relação à privacidade: 77% dos usuários afirmaram ter conversado com estranhos na internet, sendo que 23% encontraram pessoalmente essa pessoa. A pesquisa mostra que os pais não sabem o que ocorre em casa, não estão preparados para enfrentar esses riscos?

T.J.: A pesquisa mostra que os pais se julgam preparados. Temos um indicador que mostra que a maioria dos pais julga que o filho é capaz de enfrentar

situações de risco, e que também o próprio pai é capaz de ajudar o filho em alguma situação de constrangimento. Os pais dizem ser pouco provável que os filhos encontrem alguma situação de risco, de chateação na internet, e também muito improvável que ele tenha enfrentado alguma situação no último ano. O pai tem uma percepção muito baixa do risco e se julga capaz de contornar essa situação.

C&E: É grande o número de pais usuários de internet?

J.C.: Essa é uma questão interessante, porque uma média de 70% dos pais declara que sabe orientar os filhos, ajudar os filhos a usar, ou sabe o suficiente para usar. Mas se você observar que só metade dos pais usa internet, ficamos nos perguntando, ao olhar os dados, se de fato esses pais sabem o que estão dizendo.

Recentemente, numa entrevista, uma jornalista me perguntou se a internet está substituindo o pai e o professor, porque a criança vai tirar as dúvidas na internet. Eu respondi que não tenho indicador para saber se está ou não está, mas se está eu fico preocupado, porque o pai e o professor são fundamentais na construção da identidade, da educação da criança, ajudando-a a usar a internet de uma forma segura.

Eu olho esse indicador de 50% e vejo um copo meio vazio; se a maioria dos pais está tranquila com relação à internet, mas só metade a utilizou, então eu acho que, de fato, está faltando discussão, conversa entre pais e filhos. É interessante perceber a percepção dos filhos, cuja maioria afirma que sabe mais que os pais.

C&E: A pesquisa aponta que os pais consideram a escola como o local adequado para obter informações sobre o uso seguro da internet, mas 50% buscam essas informações na televisão e nos jornais. Como a escola poderia desempenhar esse papel?

T.J.: 28% declararam buscar informações na escola, enquanto 61% gostariam de obter informações sobre o uso da internet na escola. Acho que deveriam estimular esse tipo de discussão. Se a escola fizer isso em sala de aula, até com os próprios alunos, já será muito importante. Que eles percebam essa questão, que discutam sobre isso.

A cartilha é uma ótima ferramenta para isso, mas o mais importante é que o tema seja levado para casa, que as crianças discutam bastante entre si; não é só o ensinamento dos pais ou professores para a criança, mas os pares se ajudam muito no uso da internet. O mais importante é que as pessoas discutam sobre esse tema, que essa discussão seja levada para a escola, para a sala de aula, juntamente com os professores, os pais.

Recentemente me perguntaram também de quem deve ser esse papel, e acho que tem que ser um papel compartilhado, pois as funções desses atores são muito diversas. Quando os pais falam que vão buscar informação na grande mídia, na televisão, revista, rádio, jornal, isso também mostra que de fato

eles não têm condição de discutir o assunto com o filho. Porque na Europa a agenda é importante, está circulando, mas aqui no Brasil é incipiente, a gente está começando a discutir. É uma oportunidade que a gente tem de adiantar essa agenda, porque a internet vai avançar muito nos próximos anos. Eu tenho a expectativa de que nos próximos anos o Brasil entre numa realidade de país digital que seja de país europeu, e aí esses problemas, essa visão vai se aproximar das pessoas. Esses dois indicadores são importantes, porque vão apontar para dois aspectos importantes, primeiro sobre o pai, que espera que a escola possa ajudá-lo nesse processo e, segundo, sobre a busca de informação onde não há informação.

J.C.: Nós estávamos em um evento da ONU de discussão de indicadores de TIC, e o pessoal que faz a pesquisa na Coreia estava comentando – vale destacar que 99% usam internet e 99% usam todos os dias, e que lá eles têm acesso de fibra ótica nas casas – que lá eles têm uma política chamada Shut Down Police, que determina que os servidores de jogos on-line têm de ser desligados da meia-noite às seis da manhã. E isso é superpolêmico, está gerando uma discussão lá, mas é porque a internet está gerando questões de saúde pública, pois as crianças estão o tempo todo plugadas; é uma política um tanto quanto desesperada. O risco está tanto no conteúdo quando no vício. E nós temos um indicador sobre isso, há crianças que afirmam não conseguir largar a internet, se sentem mal, deixam de comer. Então a escola é importante, precisa “abraçar” essa questão.

C&E: Este fato que você acabou de contar, sobre a Coreia, envolve controle. E qual é a opinião de vocês sobre isso? Deve haver uma restrição, um controle mais efetivo sobre o uso, principalmente das crianças?

J.C.: Nós temos aqui no CGI um decálogo de princípios. E tem alguns princípios que defendemos aqui, para o bom desenvolvimento da internet, e que vão contra esse tipo de política: inimizabilidade, neutralidade, tudo o que tiver de interferência e que não for do usuário, não é de acordo.

C&E: O controle deve vir de onde? De casa?

J.C.: Exatamente, o pai que deve controlar. É fácil nós discutirmos, olharmos para o problema do vizinho, mas não sabemos qual é o nível de problema que eles estão enfrentando. Deram acesso à internet para todo mundo, você entra no Metrô, em Seul, e todos estão usando internet e celular. Defendemos o princípio de neutralidade, que qualquer interferência deve começar na ponta, no usuário, mas também não ousa criticar uma política de saúde pública.

C&E: Essa pesquisa TIC Kids Online será anual a partir de agora? Quais serão os próximos temas a serem abordados?

T.J.: Essa foi a primeira aplicação, o piloto da pesquisa, então tentamos nos aproximar ao máximo do que foi feito na Europa, até para fins de comparabilidade. Mas, a partir da próxima onda, teremos um pouco de liberdade para flexibilizar um pouco os módulos, e passaremos a investigar algumas questões

que, de repente, não tiveram espaço no questionário da Europa, como a questão do consumo, que foi bastante discutida por especialistas do nosso grupo e que precisa ser investigada.

Claro que é um grande desafio investigar isso, mas a ideia é que consigamos sempre replicar algumas perguntas. É importante ter uma base de comparação anual, mas também inserir alguns módulos novos para investigar novas questões que também são importantes. Estamos lançando uma publicação impressa com os dados e alguns artigos, de especialistas, para analisar outras questões mais teóricas. Junto com essa pesquisa a gente deve lançar os resultados da TIC Crianças, de 2012, que ainda não foram divulgados e que contempla a população de 5 a 8 anos.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

TICS ON-LINE 2012. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil.** Disponível em: <<http://www.cetic.br/usuarios/kidsonline/index.htm>>.

TIC EDUCAÇÃO 2011. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras.** Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-educacao-2011.pdf>>.